

AUTORA DA SÉRIE DIVERGENTE, #1 DO THE NEW YORK TIMES

VERONICA ROTH

A TRAGÉDIA ESTAVA
ESCRITA EM NOSSOS
DESTINOS...

DESDE O
PRINCÍPIO.



ANTÍGONA, A CONSPIRADORA



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

VERONICA
ROTH

 Planeta minotauro

ANTÍGONA,
A CONSPIRADORA

Tradução

Laura Pohl

TRECHO ANTES DE LA PUBLICACIÓN EN FONDA PROIBIDA.



Planeta minotauro

Copyright © Veronica Roth, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Laura Pohl, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Arch-Conspirator*

Preparação: Solaine Chioro
Revisão: Bárbara Prince e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Futura
Ilustração de capa: Pablo Hurtado de Mendoza
Design de capa: Katie Klimowicz
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

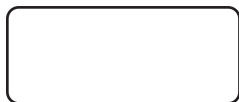
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Roth, Veronica
Antígona, a conspiradora / Veronica Roth ; tradução de Laura Pohl.
– São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
160 p.

ISBN 978-85-422-2927-1
Título original: Arch-conspirator

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Pohl, Laura
24-4775 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável de florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

ANTÍGONA

Perguntei ao meu pai certa vez por que ele escolhera nos amaldiçoar antes de termos nascido. Porque nascer como meus irmãos e eu nascemos foi uma condenação desde o princípio. Éramos únicos entre nosso povo, feitos de seja lá qual combinação aleatória de genes nossos pais biológicos providenciaram. Filhos de farelos.

Ele não me disse, como minha mãe dissera um ano antes:

— Não pensávamos que fosse uma maldição.

Ele era livre de sentimentalismos demais para isso.

— Nós pensávamos — ele me contara — que fosse uma maldição que valia a pena suportar.

Era um homem honesto, e, agora, um homem morto.

Ele estava no pátio. O homem que matou meu pai. Ah, talvez ele não tivesse erguido a lâmina, mas o golpe de Estado que arrancou o poder das mãos de meu pai e o esmagou sob

suas botas foi golpe de Creonte, arquitetado por Creonte, para Creonte.

Ele estava vestido com a versão casual de seu uniforme, as calças enfiadas nas botas, a camisa enfiada nas calças, a testa salpicada por suor, o sol matinal já queimando sua pele. Ele baixou a cabeça para escutar o que o chefe da guarda, Nícias, dizia. Estavam longe demais para que eu escutasse a conversa.

Eu estava em uma varanda do pátio do Alto-Comandante, acobertada pelas trepadeiras que cresciam somente ali, cuja beleza Creonte não se convenceria a sacrificar, nem pela escassez de água em outras partes da cidade. *As pessoas permitem que um Alto-Comandante tenha suas pequenas indulgências*, eu o ouvira dizer uma vez. *É um trabalho tão difícil*.

Eu acreditava que ele estava certo — era mesmo um trabalho difícil manter o punho de ferro por tanto tempo. Porém, não tinha certeza se qualquer quantidade de trepadeiras poderia tornar aquele lugar belo para mim.

Nícias se afastou de Creonte por, sem dúvida, ter recebido alguma pequena missão. Meu tio ergueu os olhos para mim. Ele assentiu em cumprimento.

Minha garganta se fechou. Desapareci entre as folhas.

Depois que a batalha acabara, depois que encontráramos os cadáveres de nosso pai e de nossa mãe nas ruas, depois que os laváramos e fizéramos nossas preces; depois que eu

Extraíra o icor, jovens demais para essa responsabilidade, ainda assim os únicos a quem a tarefa era cabida; depois que guardamos o que restou deles no Arquivo; depois de tudo isso, Creonte nos convocou para sua casa, para aquele pátio onde as trepadeiras cresciam e as ruas pareciam invadir, e na presença de todos que pudessem ouvir, ele nos disse que éramos bem-vindos para viver ali com ele. Até hoje, não tenho certeza do que incitou aquele ato de generosidade. Nós causamos nojo a Creonte, assim como a tantos naquela cidade, devido às nossas origens.

Talvez fosse o fato de sermos uma família, e existirem regras para família, e Creonte amava regras. Creonte era irmão de Édipo, a sombra de Édipo. Um mestre da lâmina em vez de um mestre da mente. Nas reuniões familiares, quando eu era jovem, ele era conhecido por quebrar coisas — taças, pratos e brinquedos — só por segurá-los de maneira muito descuidada. Uma vez, minha mãe pediu que ele penteasse o cabelo de Ismênia, que passou o tempo todo tentando não chorar enquanto ele arrancava nós do seu escalpo. Ele não sabia como ser alvo de zombarias; apenas ria de outras pessoas, nunca de si mesmo.

Talvez não tenha sido apenas por sermos família — talvez tenha sido por sermos filhos de Édipo, por mais distorcidos que fôssemos por nossos genes. E Édipo quase começara uma revolução. Ele era um símbolo, assim como nós. E qual a melhor forma de retirar o poder de um símbolo do que reivindicá-lo para si?

Então, quando Creonte nos disse que seríamos acolhidos em sua casa, eu sabia quais seriam as consequências: ele deixaria que Polinices, Etéocles, Ismênia e eu vivêssemos, mas ficaríamos à sua mercê. Nós moraríamos em sua casa e daríamos legitimidade ao seu governo, e ele ficaria de olho em nós.

Agradecemos por sua generosidade, eu dissera a ele naquela ocasião.



2

POLINICES

Faz anos que venho ao Café Athena, desde que eu tinha dinheiro para gastar e *ela* começou a trabalhar aqui. Pertencia ao pai dela — tinha de pertencer, ou ela não estaria trabalhando —, mas na maior parte das vezes, ele não estava por ali para me ver secando ninguém. Imaginei que todas as mulheres, desde a primeira que me deixou com aquela sensaçãozinha até a que acabou designada a mim no fim das contas, estariam fazendo a mesma equação: somando meus pais famosos, o passado trágico, riqueza de gerações e o sorriso cativante, depois subtraindo a realidade inquietante do meu código genético fragmentado, e qual é o resultado? Alguém que vale a fadiga?

Se a garçonne do Athena algum dia se importou em fazer esse cálculo, o resultado foi um definitivo “não estou interessada”, mas o café ali tinha menos gosto de queimado do que na maioria dos outros lugares, então de qualquer forma eu continuava frequentando.

— Isso não é café — disse Part para mim depois do primeiro gole. — É merda líquida.

É verdade que não era café. Só restara um punhado de cafezeiros nas estufas, então só alguns sortudos já tinham experimentado a bebida de verdade. Aquele era apenas o mais próximo de um café, misturado com uma dose de suposto açúcar.

Eu estava sentado na mesa menos bamba do lado de fora com o dedão do pé embaixo de uma das pernas da mesa para equilibrá-la. A cadeira à minha frente estava vazia, mas Part estava de pé, bebendo de uma caneca minúscula que fazia sua mão parecer comicamente enorme. Uma mulher passou pedalando com um balde de flores de papel penduradas na traseira da bicicleta; uma flor caiu nas pedras. Um menino pedinte, com uma caneca para mendigar trocados, a apanhou de imediato. Ele a colocou atrás da orelha.

— Você devia sentar — eu disse para Part. — Tig provavelmente não vai chegar no horário.

— Essas cadeiras me fazem sentir como se eu estivesse brincando de casinha com a minha sobrinha — disse ele. Part era um cara grandão. Tinha a aparência de alguém molenga, só que ele não era. Era sagaz demais para isso. — Além do que, por mim, acabou. Você a deixou vir até aqui sozinha? Que belo irmão.

— Tig sabe se virar.

Part colocou a caneca minúscula na mesa, me encarando.

— Não vai abrir a boca para ela, certo?

— Claro que não. Mas você sabe como ela é. Talvez descubra de qualquer maneira.

— Desde que ela não interfira em nada.

— Interferir com o quê? — perguntou uma voz fina e aguda atrás dele.

E ali estava ela: minha irmã, aparecendo no segundo em que o relógio bateu quatorze horas.

— Antígona — cumprimentou Part, com um aceno de cabeça que deveria ser como uma mesura.

— Partenopeu — respondeu ela. — Vai se juntar a nós?

— Não, preciso ir embora — disse ele. — Vejo você por aí, Pol.

Ele desviou da criança com a caneca, atravessou a rua e desapareceu dentro de uma viela torta. Um sopro de vento passou atrás dele, levantando a poeira no ar. Antígona re-puxou o lenço que usava no cabelo, para cobrir o nariz e a boca até a sujeira baixar. Eu só preendi a respiração.

A garçonete apareceu, com aquele andar alegre, e trouxe duas xícaras de café preto, e alguns cubos adocicados empilhados como um templo. Ela não olhou para nenhum de nós dois. Não perguntou se iríamos querer mais alguma coisa.

— Achei que você gostava do atendimento daqui — disse Antígona.

— Gosto da aparência do atendimento.

Ela bufou.

— Você não se importa se alguém te trata como um pária, desde que tenha pernas bonitas?

— Não posso culpar ninguém por aprender o que foi ensinado.

— Pode e deve. Eu faço isso o tempo todo — declarou ela. — Então, do que Part estava falando?

Deveria saber que ela não esqueceria o assunto.

— Tem alguma coisa rolando — eu disse. — Você sabe.

— Alguma coisa já *vem* rolando — retrucou ela. — Você poderia só me contar o que é.

— Não é necessário — eu disse. — Não vou precisar de ajuda, e só colocaria você em uma posição difícil.

Ela franziu o cenho para mim. Quando éramos crianças, nós costumávamos parecer mais ou menos com nossos pais. Nosso pai dizia que as crianças eram assim, esculturas maleáveis, que ainda estavam secando ao sol. Agora, porém, Tig se acomodou e endureceu, e ela era idêntica à nossa mãe. Com a curva no dorso do nariz, o queixo pequeno, os olhos grandes e redondos.

— Já estou em uma posição difícil — disse ela, violenta como o sol de meio-dia. — Moro na casa do assassino do meu pai, e sou noiva do filho dele.

— Tá, mas tem uma diferença entre uma posição difícil em que eu coloquei você, e outra que eu não tenho nada a ver — respondi. — Além do mais, os outros me matariam. Nenhuma mãe em potencial é permitida nesse nível da operação. Você sabe disso.

— Ah, sim.

Amarga — e *isso* não era nada como nossa mãe — como se pudesse destruir alguém usando apenas uma palavra bondosa, caso assim quisesse. Não havia um traço sutil em Antígona; ela era mais parecida com o nosso pai nesse aspecto.

— Não podem me arriscar — ela continuou. — Sou só um útero viável ambulante.

— Esse é o senso comum.

— Porra, Pol — disse ela, inclinando-se sobre a mesa, o lenço quase caindo dentro do café. — Estou tão exausta disso.

Nós dois olhamos para o pequeno estabelecimento com suas mercadorias expostas na rua. Montes de panelas antigas, emaranhados de fios, pilhas de lâmpadas ainda encaixotadas, uma estante de óculos de sol com a maioria das lentes intacta.

— Mas eu não penso assim. — Estiquei o braço por cima da mesa e cobri sua mão, que segurava a caneca. — Você sabe disso, né? Eu sei que tudo seria melhor se você estivesse envolvida. Só que estamos tentando unir sete distritos, e alguns são mais... *tradicionais* do que outros. Só somos tão fortes quanto o elo mais fraco da nossa corrente.

A mão dela tremeu de leve.

— Eu sei que você não pensa assim — disse ela. — Às vezes, eu olho para o futuro e não gosto de nada do que vejo.

Eu conhecia o futuro dela tão bem quanto ela conhecia o meu. Nós iríamos para onde Creonte mandasse, faríamos o que Creonte decretasse. Nós vivíamos à mercê de Creonte, e morreríamos ao comando dele.

— Casar com Hêmon não vai ser assim tão ruim — eu disse.

— Como é que você sabe? — respondeu ela. — Os maridos não temem suas esposas, mas todas as esposas temem o marido, mesmo que não digam em voz alta. — Ela enfiou a unha do dedão entre os dentes e roeu. Um segundo depois, ela acrescentou: — Não estou nem aí para Hêmon, de qualquer forma. Não era disso que eu estava falando.

— Bom, se tudo der certo hoje à noite...

Ela riu.

Eu perguntei:

— Você não tem fé em mim?

— Não é em você que eu não tenho fé — explicou ela.

— É no “se tudo der certo”.

— Bom, preciso que você encontre um pouco de confiança.

Estiquei a mão para dentro da bolsa que estava pendurada nas costas da cadeira e retirei algo de lá. Era um instrumento de metal mais ou menos do tamanho da minha mão. Era pontudo em um dos lados, e espesso do outro, parecido com uma seringa. Um Extrator. Eu o deposei na mesa entre nós dois.

Ela recuou do objeto como se fosse uma cobra.

— Só por precaução — eu falei.

— Tire isso de perto de mim. Você não vai morrer.

— *Só por precaução.*

Ela se inclinou sobre a mesa, os olhos arregalados fixos nos meus.

— Você tem alguma ideia do que eu sentiria se perdesse você? — disse ela, em um sussurro agressivo.

— Aham, tenho, sim — respondi. — O mesmo que eu sentiria se perdesse você. E, ultimamente, isso parece cada vez mais provável.

— O que você quer dizer com isso?

O problema de Antígona era que ninguém conseguia se esconder dela, mas ela pensava que podia se esconder de todo mundo. Como se fosse uma grande atriz. Como se eu não fosse notar minha própria irmã se desfazendo em fragmentos, com a determinação se esvaindo.

— Às vezes você olha para o futuro — eu disse —, e não gosta de nada do que você vê.

— Não se atreva a dizer que está fazendo isso por mim.

— Não só por você. Deus, quanto tempo você acha que podemos aguentar assim? Qualquer um aqui.

Uma cidade de sete distritos. As crianças cantarolavam uma rima sobre isso no Distrito Norte: *Sete casas em ruínas em Tebas com rancor. Uma não tem carne, outra não tem calor. Uma não tem água, outra não tem cor.* Eu as vi uma vez pulando corda naquele ritmo. Pouco depois saíram correndo por causa da polícia.

Antígona tocou o Extrator só com as pontas dos dedos.

— E se eu não acreditar nessa merda? — disse ela, indicando o instrumento com a cabeça. — E se eu não acreditar que uma pessoa pode renascer?

— Você não acredita?

— Não sei.

— Bom, então não importa mesmo, importa? — retruquei. — Eu acredito. E se eu morrer, quero que prometa que vai guardar meu icor no Arquivo. Eu quero que você se certifique de que eu possa ser refeito. Considere essa declaração como meu testamento. Beleza?

— Sim — sussurrou ela.

— Promete?

— Minha palavra é minha palavra — disse ela, franzindo o cenho para mim. — Mas, sim, eu prometo. Desde que você prometa que não está planejando morrer.

Abri um sorriso.

— Prometo.

Ela fechou os olhos quando outro sopro de vento passou por nós, enchendo nossos cafés de poeira. Lágrimas escorreram por suas bochechas, e ela as limpou com o lenço. Quando o ar voltou a ficar parado, ela parecia incólume. Antígona deu um gole no café, com poeira e tudo.

— Esse café é uma merda — disse ela.

— Todo mundo adora reclamar — respondi, e virei o resto da minha xícara.